

A MODIFICAÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA A PARTIR DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

BISINELLA, Eduarda Basso¹

TORRENTES, José Vinicius Gouveia²

RESUMO

Este estudo versa sobre o conceito de infância a partir da contemporaneidade, se esta tem sido modificada ao longo dos anos. O objetivo da pesquisa é analisar historicamente a dinâmica de educabilidade e relacionamentos entre crianças e adultos; busca também evidenciar as nuances de compreensão sobre as crianças na idade medieval; caracterizar a infância contemporânea no Brasil, esclarecendo como estão sendo formados os seres infantis. Para compreender a fase do ser infantil é importante fazer uma trajetória partindo dos pressupostos históricos, que na Idade Média as crianças não tinham nenhuma importância social. Porém, conforme os anos se passaram e a tecnologia se desenvolveu, a sociedade passou a ter outro modo de tratamento com as crianças, ou seja, os cuidados com as crianças devem ir além de orientar e educar, envolvendo a saúde e segurança da criança. Isso nos leva a refletir sobre o cuidado com a infância, a partir da concepção no âmbito educacional dos dias atuais, como a sociedade pensa hoje sobre seu papel de formá-la para o futuro, adquirindo influências ao longo de sua trajetória. Essa concepção lança um olhar mais humano para a criança, o que garante a ela a valorização, o respeito e o entendimento em relação aos seus direitos e necessidades. No entanto, a educação no Brasil obteve avanços significativos para o desenvolvimento das crianças, a infraestrutura, formação de professores, material didático, inovações tecnológicas, entre outros aspectos que contribuíram para o crescimento dessa área educacional. Entretanto, ainda há recuos que ocorreram por conta da pressão desnecessária que depositam nas crianças, ao aprender ler, escrever, decorar e saber.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Infância. Criança. Contemporânea.

MODIFICATION OF THE CONCEPT OF CHILDHOOD FROM CONTEMPORARY EDUCATION

ABSTRACT

This study deals with the concept of childhood from contemporaneousness, if it has been modified over the years. The objective of the research is to analyze historically the dynamics of educability and relationships between children and adults; also seeks to highlight the nuances of understanding about children in the Medieval Age; characterize the contemporary childhood in Brazil, clarifying how the infantile beings are being formed. In order to understand the phase of the infantile being, it is important to make a trajectory starting from

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG. eduardabasso2010@hotmail.com

²Orientador. Mestre e Docente do Centro Universitário Assis Gurgacz-FAG. jtorrentes@gmail.com

the historical presuppositions, that in the Middle Ages the children had no social importance. However, as the years passed and technology developed, society began to have another way of dealing with children, that is, caring for children should go beyond guidance and education, involving the health and safety of the child. This leads us to reflect on childcare, from conception in today's educational context, how society today thinks about its role of forming it for the future, acquiring influences along its trajectory. This conception throws a more humane look at the child, which guarantees him the appreciation, respect and understanding of his rights and needs. However, education in Brazil has made significant progress in the development of children, infrastructure, teacher training, teaching materials, technological innovations, among other aspects that contributed to the growth of this educational area. However, there are still setbacks that have occurred because of the unnecessary pressure they put on children, learning to read, write, decorate and know.

KEYWORDS: Education, Childhood, Children, Contemporary.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo historiográfico versa sobre o conceito de infância a partir da educação do passado até a contemporânea, procurando demonstrar se ocorreram mudanças ao longo dos anos e se o modo de contemplar a infância foi influenciado pela sociedade. A partir de definições do que foi e é a infância no âmbito social e histórico discutida por Ariès e Borba, buscando identificar como a sociedade atual, escola e a educação a concebem segundo Kramer, Mello, Henrique, Pancien, Velissimo, Tonete, Malone e Sayão. E por fim, se suas práticas favorecem o desenvolvimento da criança e valoriza a infância no município de Cascavel.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, cuja finalidade é especificar os objetivos estabelecidos através de documentos que é o entendimento, da mentalidade que os adultos têm destas, a singularidade típica de serem crianças, bem como os cuidados inerentes. Fazem parte do contexto que envolve esta discussão: explicitar a ideia de infância historicamente, evidenciar as nuances de compreensão sobre as crianças, caracterizar a infância contemporânea.

Dessa forma buscar-se-á soluções para este problema que é a questão da infância no sentido de seu atendimento, da mentalidade que os adultos têm destas, a singularidade típica do 'ser criança'. A problemática posta está no fato de que por mais que tenhamos avançado no tratamento com nossas crianças, estas permanecem em processo de adultilização e aligeiramento para com estas.

Embora exista bastante produção científica sobre esta discussão, ainda não se esgotou sobre essa fase do ser infantil, o que denota de muita atenção. Neste caso, a sociedade nos

leva a refletir sobre o cuidado com a infância a partir da concepção do passado até os dias atuais, tendo em vista o contexto social e como a sociedade pensa sobre seu papel de formá-la para o futuro, ou pensa apenas no presente, adquirindo influências ao longo de sua trajetória. A infância contemporânea tem sido experienciada de inúmeras formas. A ideia é justamente provocar uma discussão sobre determinados pensamentos sobre as crianças, bem como o tratamento voltado a elas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONCEPÇÃO DA INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA

Para compreender o “mundo infantil”, é necessário fazer uma trajetória partindo dos pressupostos históricos, analisando segundo a visão de Ariès (1978), considerado pioneiro nessa área. O autor evidencia um ponto de vista social e familiar, a concepção na Idade Média em relação à criança e a infância. Assim, é necessário destacar o conceito de ambas, ou seja, compreende-se que a criança remete ao aspecto histórico social e cultural, já a infância, é apenas uma fase da vida. Havia uma falta de compreensão exata da terminologia infância, entendia-se que infância e adolescência eram iguais.

No entanto, por volta do século XII não havia um sentimento de infância, por conseguinte, a criança não recebia um tratamento adequado nem a devida atenção, seja no sentido biológico, cultural ou educacional, de acordo com seu desenvolvimento. Essa realidade de descaso era retratada na arte, considerada uma das únicas formas encontradas que expressava a realidade da época.

Segundo Ariès (1978, p.50), “até por volta do século XII à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse a falta de competência ou a falta de habilidade, é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. Essa condição pode ser percebida nas obras de alguns artistas, imagens de rostos de crianças nuas, porém em corpo de adulto.

Os adultos faziam descaso em relação à infância, então, era comum falecerem, dentro do parâmetro de normalidade à falta de cuidados básicos de higiene elevava de maneira considerável a taxa de mortalidade infantil tão precocemente, porém essa triste realidade era considerada normal, tanto pela família quanto pela sociedade da época. Essa é uma das

principais explicações pelo fato dos casais medievais geralmente terem muitos filhos, para que talvez alguns sobrevivessem.

Nesse contexto, o sentimento de identidade era irrelevante, no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, a criança começava a balbuciar e já era ensinada a pronunciar as primeiras palavras, a dizer seu nome, entre outros, assim que a criança conseguisse se virar sozinha, era introduzida no mundo adulto, sendo obrigada a participar de trabalhos e afazeres, era vestida igual aos adultos, a infância apenas terminava aos sete anos, idade em que a criança já dominava a fala.

Através deste breve contexto, entende-se que o fator social da infância não tinha reconhecimento, constata-se desta forma, a falta de valor atribuída à criança e, por conseguinte, sua fragilidade frente a uma sociedade indiferente. Esse modelo de pensamento em relação à infância começou a ter um olhar diferenciado a partir do século XIII, segundo Ariès (1978) “começam a surgir alguns tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno”. Nas obras de arte, as crianças começaram a aparecer com traços mais infantis cada vez mais frequentes, sendo retratadas em obras religiosas ou representando a vida cotidiana onde aparecem brincando, comendo, ou segurando um animalzinho de estimação, isso mostra que passou a haver uma evolução em relação à consideração dispensada à infância.

Já no século XV e XVI, as pinturas começaram a deixar de ter formas simbólicas e passaram a ter formas reais, de cenas que descrevem a vida real, seja em família, na escola ou aprendendo um ofício. Ainda assim, a criança era considerada um ser secundário, apenas um protagonista, um ser engraçadinho. Para Ariès (1978, p.56) “ainda se compreende o gosto pelo pitoresco e pela graça desse pequeno ser. [...] Nos divertimos para o nosso passatempo, assim como nos divertimos com os macacos”. Do mesmo modo, incluindo a vestimenta, a preocupação com a educação, bem como a separação das crianças de classes sociais diferentes.

Diante desses fatos, surge na França e na Inglaterra, entre católicos e protestantes, segundo Ariès (1978, p.57) “uma mudança muito mais nítida, certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passam a não tolerar mais que se desse as crianças livros duvidosos”. Além disso, essa preocupação dizia respeito também ao pudor e cuidados com a castidade. Dessa forma, houve um grande movimento moral contrapondo esse cenário social, o que resultou num avanço no campo da

literatura pedagógica. A criança passou a ter lugar e valor na família, que começou a perceber a infância como uma etapa frágil, que necessita de um cuidado maior.

Segundo Ariès (1978), formou-se assim a concepção moral da infância, a educação passou a ter um novo olhar, passando a ocupar um papel e lugar importante no aspecto social e familiar, começando a surgir mais colégios e escolas, desenvolvendo uma disciplina mais rigorosa, resultando na moralidade e mudanças de hábitos.

Nesse período, houve uma separação das crianças dos adultos socialmente. Porém, os colégios não eram considerados uma unidade de ensino, mas sim, mais um abrigo para as crianças e jovens viverem, outros moravam com seus mestres ou padres, outras famílias e companheiros, pois tinham um contrato que teriam que ficar ali confinados para a frequência na escola e, conseqüentemente, muitos sofriam maus tratos. Somente a partir do século XV os colégios se tornaram institutos de ensino moderno, passando por uma hierarquia autoritária, onde havia maior número de alunos. Podendo assim, estudar nos colégios adultos e crianças, tornando a separação dos mesmos, necessária.

Portanto, a infância passou por constantes mudanças desde a Idade Média até os dias atuais. A criança era vista como adulto em miniatura comportava-se como um, a infância era totalmente desconhecida, e na educação não seria diferente. Entretanto, percebeu-se que aos poucos a infância era vista de outra forma e a criança passou a ter o reconhecimento que lhe é de direito, desde o período de sua concepção.

Em contrapartida, ao olharmos para a sociedade contemporânea, percebe-se um paradoxo, pois, de certa maneira, a exemplo do que aconteceu na Idade Média, nota-se que infância está se perdendo novamente, talvez devido a essa nova configuração da sociedade emergente. Diante do contexto social em que está inserida, a criança passa a ter uma carga de obrigações, uma sobrecarga de informações e exigência por parte dos pais preocupados que seus filhos adquiram conhecimentos e habilidades que, muitas vezes, ainda não estão preparados para obter.

Dessa maneira, mais uma vez a criança passa a não viver a infância, era comum ver as crianças brincando nas ruas, se sujando, se ralando, subindo em árvores, entre outros. Hoje, têm-se uma sociedade totalmente diferente, pois, antes não havia tanto contato com a internet como se tem hoje, tornando-a indispensável para o dia a dia, incluindo nessa transformação as crianças, que estão envolvidas com o meio tecnológico tanto quanto os adultos, por meio de videogames, celulares, entre outros, resultando em isolamento, tendo apenas como diversão a tecnologia.

Cada ser humano tem sua infância diferente, porém, como salienta Borba (2008):

Todas as crianças são iguais, buscam os mesmos sonhos e ideais, necessitam das mesmas coisas, uma boa estrutura familiar, carinho, atenção, escola, correr, brincar, se divertir e se expressar. O que diferencia umas das outras é sua cor, raça, cultura, religião, classe social e a realidade em que vivem num todo, mas a busca é a mesma (BORBA, 2008, p.4).

Conforme os anos passam, a tecnologia se desenvolve, e com tal desenvolvimento, a sociedade é remetida a estar sempre em busca do conhecimento para estarmos atualizados ou bem qualificados. Quanto mais se sabe, mais se é detentor de novas oportunidades, seja em um bom emprego, ou ao adentrar em uma universidade renomada, para no final ter um bom currículo, e seguir a vida com sucesso. Porém, as coisas nem sempre são assim, pois a pobreza, a desigualdade, a corrupção fazem parte de um contexto histórico que parece não ter mais fim. Com a chegada do XX e XXI, observa-se o quanto a sociedade se desenvolveu em vários aspectos e um deles em relação ao cuidado com a criança, desde seu nascimento até as etapas finais de sua juventude.

2.2 COMO AS CRIANÇAS ESTÃO SENDO ORIENTADAS NA ATUALIDADE

As necessidades de uma criança vão além de apenas acompanhar, orientar e educar. A segurança, a proteção da criança e suas implicações para a saúde são prioridades, a promoção da segurança infantil no ambiente doméstico é de extrema relevância. Segundo as autoras Mello, Henrique, Pancieri, Veríssimo, Tonete e Malone:

As ações voltadas à saúde das crianças devem estar associadas não somente à sobrevivência, mas, principalmente, ao desenvolvimento integral da pessoa. O cuidar das crianças, com especial atenção nos primeiros anos de vida, é fundamental para que elas cresçam e se devolvam com saúde, sejam fisicamente saudáveis, emocionalmente seguras e respeitadas como sujeitos sociais. No processo de crescimento e desenvolvimento infantil, é imprescindível reconhecer a dupla importância da segurança física e emocional (MELLO, HENRIQUE, PANCIERI, VERÍSSIMO, TONETE E MALONE, 2004, p.605).

A criança é um ser em desenvolvimento contínuo, tendo sua interação social e construção como ser humano permanentemente estabelecido em tempo integral. Cuidar e educar significa compreender que o espaço/tempo em que a criança vive exige seu esforço particular e a mediação dos adultos como forma de proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade.

Para a psicóloga Sayão (2015), as crianças estão sendo educadas com superproteção, desconectando a criança da realidade, empurrando mais tardiamente o peso da maturidade. A superproteção encontra-se principalmente em escolas, não é raro ver pais atacando os professores pelo método de avaliação para defender os filhos. Ainda segundo a autora, “os pais querem resolver tudo, metem-se na vida escolar dos filhos muito intensamente. A escola deveria ser a primeira batalha que a criança aprende a enfrentar por conta própria”.

Em consequência da superproteção, os filhos acham que a todo o momento os pais os defenderão, não tendo maturidade o suficiente para resolver seus problemas sozinhos. Segundo Sayão (2015, s/p) “muitas empresas reclamam da falta de compromisso dos seus funcionários mais jovens, uma geração que já foi criada assim, se o chefe dá uma bronca no funcionário já quer sair do emprego”.

Por outro lado, a inovação da tecnologia vem afetando a relação de pais e filhos cada vez mais, o uso do celular, por exemplo, vem afetando a relação de pais e filhos. Seja por dar mais atenção para o celular do que ao filho, ou por dar mais atenção para o celular do que aos pais.

Diante desse contexto, em relação à criança e a educação, entende-se que o cuidado e a educação dessa nova geração, não é apenas uma responsabilidade da família, é lícito destacar a importância do papel social.

Partindo dessa premissa, acredita-se que desde cedo a começar pela educação infantil, que tem um papel preponderante na formação do indivíduo, Assim, segundo Kramer (2006), creches e pré-escolas são modalidades de educação infantil em que o trabalho realizado no seu interior tem caráter educativo e visa garantir assistência, alimentação, saúde, sendo que, creche é o espaço para crianças de 0 a 3 anos e pré-escola é para crianças de 4 a 5 anos, de meio período ou horário integral, cuja responsabilidade é ou deveria ser assumida pela instância educacional pública e são instituições de educação infantil em que todas as crianças de 0 a 5 anos têm direito.

Ainda segundo a autora, a educação infantil possui papel social importante no desenvolvimento humano e social. A prioridade é a escola fundamental, com acesso e permanência das crianças e aquisição dos conhecimentos, mas a luta pela escola fundamental não contraria a importância da educação infantil, primeira etapa da educação básica para todos. Sobre esse fator, Kramer pontua:

Educação e pedagogia dizem respeito à formação cultural – o trabalho pedagógico precisa favorecer a experiência com o conhecimento científico e com a cultura,

entendida, tanto na sua dimensão de produção nas relações sociais cotidianas quanto como produção historicamente acumulada, presente na literatura, na música, na dança, no teatro, no cinema, na produção artística, histórica e cultural que se encontra nos museus (KRAMER, 2006, p. 809).

Desse modo, a educação infantil e ensino fundamental estão constantemente separados, do ponto de vista da criança não há fragmentação, ou seja, os dois caminham juntos e unem a experiência à cultura, pois sempre haverá crianças na educação infantil e no ensino fundamental com diferentes vivências e experiências ao longo do processo escolar, são importantes que as mesmas sejam interligadas para haver um conhecimento de mundo essencial.

Considerar que crianças, jovens e adultos são sujeitos e produtos da cultura e da história nos remete que o saber pedagógico não deve visar tão somente à questão cultural deve aliar ao saber epistemológico, o conhecimento da arte, da vida, para se formar cidadãos do mundo. Ainda para Kramer (2006):

A educação infantil e o ensino fundamental Envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. E, nas práticas realizadas, as crianças aprendem. Elas gostam de aprender (KRAMER, 2006 p. 810).

Para garantir o acesso à educação, os pais ou responsáveis pela criança colocam-na em uma fila de espera, aguardando por uma vaga em creches e até em pré-escolas que asseguram o direito de brincar, criar e aprender. Porém, há um grande desafio que se deve pensar sobre a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural, ou de contemplar às crianças, como sujeitos de cultura e história, sujeitos sociais.

2.3 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Através dos estudos realizados, verificou-se que em nossa sociedade, no decorrer do tempo, existiram e continuam a existir diferentes infâncias, devido a este fato, não se pode deixar de mencionar que ao falar da criança, verifica-se que esta etapa do indivíduo é marcada por características peculiares a cada uma, essas características não dependem de como foi o contexto da infância da criança, pois ela possui necessidades e características que lhe são próprias.

Ao voltar o olhar para o passado, pressupõe-se uma tentativa de entender o presente, para, a partir daí, projetar um futuro. Assim, de acordo com a visão dos teóricos citados no decorrer do texto, a maneira de compreender não somente a criança, mas também a infância evoluiu ao longo do tempo e tem passado por grandes transformações, isso é notório, quer seja através da literatura que tem se desenvolvido nas últimas décadas, ou através dos documentos elaborados pelo MEC.

Essa concepção lança um olhar mais humano para a criança, o que garante a ela a valorização, o respeito e o entendimento em relação aos seus direitos e necessidades. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil integrada na afirmação da Constituição Federal de 1988, onde afirma o atendimento a crianças de zero a cinco anos, em creches e pré-escolas, sendo dever do estado com a educação.

O campo da educação infantil é um processo que visa um espaço coletivo havendo uma mediação do fortalecimento das práticas pedagógicas para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças. Dessa maneira, segundo as DCN'S para a educação infantil:

É oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (MEC, 2010. p. 12).

Neste sentido, é dever do Estado garantir a educação infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. Nas DCNS para a educação infantil, o conceito de criança é definido como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (MEC, 2010, p. 12).

Observando esse aporte legal, entende-se que, de acordo com a concepção de criança, onde necessariamente se constitui a infância, a proposta pedagógica tem como objetivo garantir à criança o acesso a conhecimentos e aprendizagens no processo de apropriação das diferentes linguagens, bem como o direito a proteção, saúde, liberdade, confiança, ao respeito, dignidade, ao brincar, a convivência e a interação com outras crianças.

Dessa forma, estabelecendo o direito de ter uma infância saudável através de situações de aprendizagem, visando à elaboração da autonomia bem como nas ações de cuidado pessoal, organização, e bem estar; incentivando a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza; estabelecer um relacionamento dirigido para a arte, como música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; propiciar diversas manifestações e tradição culturais brasileiras, e também o incentivo ao cuidado com a natureza, propiciando a importância da preservação.

A respeito da avaliação em sala de aula, o professor deve levar em consideração o desenvolvimento da criança, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, envolvendo “observação crítica e criatividade das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, etc.)” (MEC, 2010, p. 29).

Nesse contexto, o Currículo para a Rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel é resultado de um longo processo iniciado com a aprovação do plano, e intensificado a partir de 2006. A primeira creche em Cascavel surgiu em 1979, localizado no bairro São Cristóvão, tendo um caráter assistencialista.

Desde então, as construções de creches foram aumentando no município de Cascavel, sendo reconhecidas pela Secretaria Estadual de Educação. Mais tarde, a nomenclatura de creche passou a ser Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), sendo ainda de cunho assistencialista, contratando profissionais que trabalhavam diretamente com as crianças e passando a atuar nos CMEIS:

O presente currículo é pioneiro ao efetuar mudança no eixo articulador do trabalho a ser realizado nas instituições que ofertam a Educação Infantil neste município. Desloca-se de uma concepção de trabalho assistencialista, para uma concepção de cunho educacional, onde o ensino, como propulsor do desenvolvimento infantil, torna-se protagonista, ou seja, deixa-se a visão de guarda, para abraçar-se à função pedagógica e o ato intencional de transmitir conhecimentos (CASCABEL, 2008, p.32).

A partir do referido cunho educacional, foi sendo transmitido nos CMEIS, conhecimento científico, em que o ser humano desde o seu nascimento se apropria destes conhecimentos e desenvolvesse de forma integral, obtendo assim um conhecimento crítico sobre a sociedade atual.

Tais saberes podem contribuir para a humanização do homem na medida em que, com maiores condições de organizar o pensamento e estabelecer relações, ele se torna mais autônomo e consciente das relações sociais em que está posto. Saber-se determinado é condição inicial fundamental para a possibilidade de superação da condição em que se está (CASCAREL, 2008, p.27).

Assim, humanizando o ser infantil, ensinando a pensar, obtendo variedades de opiniões, buscando autonomia para resolver conflitos e superar desavenças melhor. A afetividade está dentro da capacidade emocional das crianças, sendo desenvolvidos com gestos, conflitos do dia a dia por brinquedos, etc. Também com rotina da semana, com os coleguinhas de turma, sendo todos tratados da mesma forma, sem exceções. As crianças desenvolvem sua coordenação motora, desenvolvendo integralmente todos os aspectos físicos e cognitivos. Neste contexto, é possível perceber que é recente o atendimento que visa à autonomia e o conhecimento científico as crianças menores de 06 anos, em Cascavel.

Desse modo, o CMEI se constitui uma instituição escolar e um local de divulgação do saber sistematizado, em que toda criança tem direito de frequentar. Portanto, o professor em sua prática pedagógica na escola de educação infantil deve ter como objetivo, a garantia da socialização de conhecimentos científicos, artísticos culturais e filosóficos, constituintes do patrimônio humano.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a educação no Brasil obtém avanços significativos para o desenvolvimento das crianças, dentre eles: a infraestrutura, formação de professor, material didático, inovações tecnológicas, entre outros aspectos que contribuem para o crescimento dessa área educacional. Porém, há ainda recuos que ocorreram por conta da pressão desnecessária que depositam nas crianças, ao aprender ler, escrever, decorar e saber.

As escolas não estão dando conta do processo básico e primordial da aprendizagem, a leitura está sendo um processo turbulento na vida das crianças, sendo este lento e podendo abalar o emocional, o mesmo ocorre com escrever, pois um necessita do outro para aprender. Os cálculos matemáticos, também estão sendo problemas para as escolas públicas, necessitando criar grupos de projetos com pedagogas formadas, para encontrar uma forma melhor de todos aprenderem e por fim alfabetizar.

Dessa maneira, as crianças chegam ao final da educação básica com traumas, e consequências sérias, desde a coordenação motora fina até a alfabetização. Além desses casos, a evasão escolar é um problema evidenciado na fase final do ensino médio, as crianças

precisam trabalhar em um período e no outro estudar, muitas vezes acaba repetindo o ano, por problemas de faltas, cansaço e desinteresse em aprender o que os professores estão passando.

O dever das escolas, atualmente, está sendo educar as crianças, ensinar valores, ações para se tornar um bom cidadão, pois passam maior parte do dia na escola, e quando chegam a seus lares, dormem. Pais responsáveis que trabalharam o dia todo, muitas vezes não tem tempo de ver como estão às atitudes do próprio filho, deixando este papel para a escola ou muitas vezes a mercê da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BORBA, Claudinéia Batista. **A diferença entre criança e infância**. Pelotas, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Secretária de educação básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF. 1998. Vol.1.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96**. Brasília, 1996.

CASCADEL. **Plano Municipal de Educação do Município de Cascavel/Pr**. Cascavel-PR, 2008.

EDUCAÇÃO INFANTIL. **Currículo para a Rede Pública de Ensino de Cascavel**. V. 1. Paraná: Ed. Progressiva, 2008.

KRAMER, Sonia. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação Infantil e Fundamental**. Campinas, 2006.

_____. **O papel social da educação infantil**. Campinas, 2006.

MELLO, Débora; HENRIQUE, Nayara; PANCIERI, Letícia; VERÍSSIMO, Maria; TONETE, Vera; MALONE, Mary. **A Segurança da Criança na Perspectiva das Necessidades Essenciais**. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, SP, 2014.

SAYÃO, Rosely. **Educar pressupõe sempre desagradar à criança**, Gauchazh Zanone Fraissat/Folhapress. Porto Alegre, 2015.